



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

AS PRÁTICAS EDITORIAIS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX E O PAPEL DA ASSOCIAÇÃO TIPOGRÁFICA DA BAHIA¹

Kátia de Carvalho

(Colaboração das alunas bolsistas

Amélia Rosana Gomes de Oliveira e Kiaki Tosta Santana)

Instituto de Ciência da Informação/UFBA

INTRODUÇÃO

A descoberta da imprensa por Gutenberg não se limita a algumas mudanças no âmbito da técnica. A arte da escrita a partir do tipo móvel gera novas transformações. O livro que possui na sua origem um sentido religioso passa a estabelecer novas modalidades de comunicação, reforçando os formatos dos manuscritos ornamentados de forma artesanal, ressaltando o trabalho dos copistas que realizavam com enorme zelo as miniaturas, capitulares e vinhetas decorativas.

O uso da imprensa não rompe esses padrões, pelo contrário, acrescenta novos modelos artesanais como a arte da gravura e da tipografia. Esses processos garantem à arte tipográfica um espaço para a criatividade mesmo sendo uma técnica de impressão.

O livro como objeto de arte se destaca pela sua originalidade e cada obra é única. Deste modo as técnicas de impressão contribuem para a manutenção do livro inserido no universo artístico. Assim sendo, o livro nas suas origens é considerado um objeto de arte e o seu tempo de conclusão podia durar muitos anos.

As edições facsimilares trazem aos nossos dias as belezas dessas edições que são preservadas nas bibliotecas de modo a garantir este valioso legado do homem para futuras gerações. Na seqüência dos fatos, o livro como objeto de arte reúne literatura, grafismo, pintura entre outras formas de expressão artística. Este é o sentido, que nos faz resgatar o trabalho dos tipógrafos.

¹ Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



No final do século XIX e início do século XX as edições se ampliam, convivem o livro de arte dedicado ao movimento artístico em geral com um novo formato, que usa a ilustração a serviço do texto de uma maneira complementar.

O desenvolvimento do conhecimento científico influencia o aparecimento de um novo livro cujo texto escrito é preponderante e está voltado para a comunicação imediata.

Nesta realidade a produção editorial de um livro compreende um conjunto de ações de caráter gráfico e editorial para fluir esse produto desde a fase de geração do texto que inclui o trabalho intelectual até o mercado. Este complexo processo é que define um produto final por um custo mais palatável do ponto de vista editorial e comercial.

Para Aloísio Magalhães¹ Gutenberg é muito mais um sistematizador do que inventor da imprensa. No uso da tecnologia ele procura preservar a forma tradicional na utilização dos novos caracteres de chumbo ou liga metálica imitando o manuscrito. Gutenberg, na verdade, possibilitou a reprodutibilidade técnica, a disseminação do conhecimento de maior alcance e também a fixação do pensamento. Tais requisitos fortalecem novas possibilidades de possuir o documento. A posse do livro passa a determinar uma relação diferente, pois o livro não é somente objeto de arte mas de acesso a conhecimentos. O livro como objeto cultural acentua, com a evolução da tecnologia, o conceito da letra e a disposição do espaço gráfico.

Novas modificações ocorrem nas técnicas de impressão e os processos tipográficos cuja inserção é no âmbito da arte, muito mais do que no da técnica, se deparam com uma rápida e veloz revolução promovida por novas tecnologias que chegam de modo avassalador.

Neste cenário, os processos tipográficos entram em declínio, não acompanham tais mudanças, enfraquecendo o papel profissional do tipógrafo.

O uso de textos digitados por meios de computadores tem como principal característica a velocidade e uma nova estética do texto leva a produção editorial para o campo da técnica. A arte de imprimir na sua dimensão artística se insere em um

¹ MAGALHÃES, Aloisio. Et al. *Editoração hoje*. 2 ed. Rio de Janeiro, FGV, 1981. p. 78

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro. 2002.



diferente campo conceitual, dando ênfase a digitação através de processos eletrônicos como forma incontestada de reprodutibilidade do texto impresso agregando-se, desta vez, o som e a imagem, recriando um novo suporte com uma abordagem multimídia .

Para as sucessivas gerações de tipógrafos a escrita incorpora novas dimensões, voltada para a artesanaria. A relação com o livro mediante a cópia e a repetição de imagens sacras vão sendo alteradas pelo desenvolvimento das técnicas. A arte da gravura, da cartografia e da tipografia mostram uma nova arte tipográfica criativa e consciente de duas principais características: a originalidade e a garantia de ser peça única, próprias do objeto de arte.

As modernas técnicas de impressão aprimoram o texto, como objeto de arte, notadamente quando exaltam a reprodução dos cadernos dos artistas. Outra ênfase é dada pelas Associações de Bibliófilos que investem na junção do texto com a ilustração de modo mais refinado. Como não podia deixar de ser, a relação texto, ilustração e técnicas de impressão enfatizam a gravura e a narratividade das obras gráficas. Nos primórdios do século XX, as técnicas fotográficas convivem com as gravuras, cujo livro passa a visar o acesso ao conhecimento e privilegia a transmissão da informação.

Na virada do século XIX para o século XX a ATB surge como uma instituição empenhada em proteger o tipógrafo e o seu trabalho, delimitando o seu espaço profissional, em suma, fortalecendo o crescimento da arte tipográfica. Nesta época surge a ATB.

A Associação Tipográfica da Bahia, foi fundada em 20 de outubro de 1870 no Salão nobre da Sociedade Monte Pio dos Artífices, localizada no Beco do Arcebispo e inaugurada em 16 de abril de 1871, no Paço da Câmara Municipal. Propõe-se a ser uma agremiação de classe, beneficente, artística e instrutiva e eram os seus associados, brasileiros e estrangeiros, profissionais das Artes Gráficas.

Fundada por 68 operários, em 30 de outubro de 1870, com a presença de 34 representantes das classes de tipógrafos, encadernadores e litógrafos. O primeiro presidente efetivo, José Firmino Cavalcante, foi nomeado pelo então Vice-presidente da Província Dr. Francisco José da Rocha, mediante o ato datado de 25 de abril de 1871. Seu patrimônio era constituído de móveis, mausoléus, prédio da sede, biblioteca.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Seus primeiros estatutos, aprovados pelo governo da Província, por ato datado de 25 de Fevereiro de 1871, assinado pelo Barão de S. Lourenço, de acordo com o parágrafo 1º do art. 27, do Decreto nº 2711 de 19 de Dezembro de 1860, depois de ouvido o Desembargador Procurador da Coroa, Soberania e Fazenda Nacional.

Em 1928, o relatório da Associação Tipográfica, comemorativo do aniversário da Associação comenta a criação da biblioteca, em 1883, que teve início com a aquisição de alguns livros encadernados e brochuras de anais e teses adquiridos nas oficinas impressoras. Em 1910, possui a biblioteca, 1200 volumes e em 1928, reúne cerca de 4000 volumes.

Constata-se a presença ativa da Associação na sociedade baiana pelos registros encontrados na imprensa periódica da época. Assim alguns eventos merecem ser destacados.

Em 1874, a ATB organiza um batalhão patriótico para comemorar o dia 2 de Julho, denominado Legião da Imprensa, comandado pelo então jovem Dr. Ruy Barbosa que mais tarde se tornaria seu sócio honorário.

Em 1888 participa dos festejos em regozijo pela promulgação da lei de 13 de maio, data da extinção da escravatura, fazendo sair à rua, a Legião da Imprensa, famoso batalhão de gráficos. Em 1891 a imprensa noticia o papel da ATB como patrocinadora de uma greve geral dos tipógrafos, provavelmente a primeira, com grande eficiência.

No século seguinte, em 1902, por ocasião da estadia de uma esquadrilha chilena no nosso porto a ATB assume lugar de destaque nas imponentes festas em homenagem aquela Nação, fazendo imprimir em nome da classe, um álbum de saudação ao Chile.

Em 1911, a Associação aparece nos noticiários prestando homenagem ao centenário da imprensa, ao realizar uma sessão magna, na qual tomaram parte distintos homens de letras, representantes do Instituto Histórico da Nova Cruzada e de todos os jornais da Capital. Organiza, e também imprime um álbum com as assinaturas de todos os cultores das Artes Gráficas.

Em 1914, percebe-se a sua participação em atividades filantrópicas tendo auxiliado o governo do Estado, organizando um banco precatório em benefício das zonas devastadas pela grande enchente daquele ano, reunindo uma soma considerável.

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Esses fatos denotam a presença ativa da ATB na sociedade baiana. Como verdadeiro órgão da classe, oferece a sua sede para nela funcionar definitivamente a União Gráfica Baiana, sociedade de resistência dos gráficos, fundada em 1919.

A Associação Tipográfica alcança um lugar destacado e de representação na sociedade. Entre as suas importantes funções, mantém um regular intercâmbio de publicações com instituições tradicionais, nacionais e estrangeiras, próprias dos centros produtores de informação.

A ATB procura se organizar com o firme propósito de atender as necessidades dos seus associados. Entre as atividades que realiza pode-se registrar, conferências, reuniões, saraus literários, cursos de português, matemática e corte e costura, além de disseminar, através de publicações o conhecimento tipográfico.

Entre os meios de comunicação utilizados para divulgar as atividades da ATB, o livro, é considerado o meio de comunicação mais expressivo, seguindo-se o aparecimento de outros suportes mais recentes, como o periódico, e depois a gradativa convivência do livro com outros meios emergentes.

A ATB foi desde 1870, uma representante legal dos operários tipográficos, tendo participação relevante na sociedade durante um período significativo da História da Bahia. Figuram entre os seus sócios, personalidades ilustres como Ruy Barbosa, Arthur Arézio, entre outros. Além de ser um órgão de classe, a ATB voltava-se para o estímulo à capacitação profissional e o ensino, particularmente do ensino de matemática, português, corte e costura.

A Associação Tipográfica da Bahia continua a exercer um papel representativo até a década de 30 quando novas modalidades e tecnologias de impressão começam a ser introduzidas no Brasil. O avanço das tecnologias de informação e de comunicação e as mudanças que se operam no campo da editoração vão contribuir para o enfraquecimento do trabalho tipográfico. A renovação pelas tecnologias e técnicas influenciam as Artes Gráficas.

O perfil do profissional foi se modificando com o aparecimento do computador e dá origem a um novo perfil profissional no campo da editoração que, conseqüentemente, atinge a ATB. Entretanto, é durante o período que ela lidera a arte



de imprimir que se detém o foco da pesquisa e deste modo perceber a produção editorial na Bahia, cidade onde se instalou a primeira tipografia comercial brasileira, a produzir de fato, de propriedade de Manuel Antônio da Silva Serva, em 1811.

O meio tipográfico baiano é influenciado pelas tecnologias que vinham principalmente da Europa. Fazendo um retrospecto, a primeira fase da história da tipografia é aquela que compreende os trabalhos de Manucio, Estienne, Plantin, entre outros. A segunda fase, corresponde ao período de 1620-1804 quando se desenvolve o periodismo e quando os Elzevires, Didots, Bodoni, entre tantos outros, mostram a qualidade das suas obras.

Depois de 1804, começa a era mecânica, iniciada pelos primeiros prelos de ferro. Aparecem as primeiras máquinas, quer impressoras, quer fundidoras ou compositoras que transformam completamente a arte tipográfica em todos os seus aspectos. Destaca-se os principais tipos de máquinas utilizadas: máquinas planas também chamada Minerva, nome do primeiro prelo construído na Europa; máquinas cilíndricas; máquinas rotativas, monotipo e linotipo.

A máquina rotativa possui tanto o elemento de pressão como o porta-fôrma, cilíndricos, como é o caso da Offset, da máquina para reprogravura e jornais de grande tiragem. Entretanto, não permite exceder certos limites da velocidade, muito baixo para a tiragem de grandes jornais diários. Várias tentativas para contornar este inconveniente foram feitas por Bullock, Marinone, e Derriey. É com a máquina monotipo, inventada por Tolbert Lanston, em 1896 que introduz a fundição das letras ou tipos separados formando linhas. Outra máquina utilizada, a linotipo, inventada por Otomar Mergenthaler, em 1886, para compor linhas-bloco com o auxílio de matrizes que eram reunidas por meio de um teclado. Utilizadas na Europa, passaram para outros continentes, sendo que o Brasil foi um dos últimos países americanos a utilizá-la. Como é sabido, a tipografia só se desenvolve em território brasileiro, no século XIX.

As oficinas tipográficas progrediram rapidamente até se tornarem uma das maiores indústrias. Entre os seus trabalhos se incluem: impressão de catálogos, jornais, revistas, livros, anúncios de comerciais, entre outros. No século XIX, a imprensa tipográfica ainda é um sistema quase artesanal de impressão. Embora o trabalho em



diferentes tipografias pudessem variar, todas as atividades poderiam ser agrupadas nas principais classes: Composição, Paginação, Impressão, Encadernação, Almoxarifado e Sessão de obras para serviços comerciais.

A grande dificuldade que aflige os donos das tipografias, até as primeiras décadas do século XX, são relativas ao material tipográfico utilizado, de procedência estrangeira. Normalmente uma oficina tipográfica era formada por várias categorias profissionais. Como exemplo, a oficina tipográfica do jornal, O Diário da Bahia, possuía cerca de 40 pessoas assim distribuídas:

- 1 chefe de oficina
- 4 paginadores
- 4 tituleiros
- 2 retrancas
- 2 ajudantes
- 2 impressores
- 4 revisores
- 28 a 30 compositores de texto em tipo

O Chefe da Oficina era depois do proprietário, a pessoa de maior prestígio, liderava os demais tipógrafos.

A introdução da arte tipográfica no Brasil, em particular na Bahia, passa a ser fortemente influenciada pelos profissionais franceses. O *Dicionário de Termos Gráficos* de Arthur Arézio revela na sua bibliografia de apoio, um considerável número de fontes francesas, entre elas o *Tratado da Typographia* elaborado pelo francês Henrique Fournier, cuja tradução, feita expressamente para a Revista da ATB. Provavelmente, a tradução da obra, pode ter sido realizada pelo próprio Arézio.

Fournier divide a história do aparecimento da imprensa em três períodos distintos, identificando-os como modificações significativas nas Artes Gráficas.

1º Período – Gravura das tábuas fixas;

2º Período – Decomposição destas tábuas de madeira em tipos moveis da mesma matéria para generalizar seu emprego;



3º Período – A gravura do *ponção* e a confecção do molde, multiplicando estas letras ao infinito e com uma perfeita identidade.

Fournier deixa transparecer a disputa existente entre a tipografia francesa e a inglesa. Por um lado, a elegância, a fineza das gravuras com seus detalhes perfeitos, seus *tipos de fantasia* e ornatos que exportavam para o “*mundo inteiro*”. Nas palavras de Fournier, os franceses concebiam verdadeiras obras primas; nas edições inglesas, identificavam-se a superioridade da qualidade do papel e da fundição dos caracteres (no que diz respeito à aproximação e alinhamento).

Mais adiante Fournier se detém em explicar os tipos de caracteres que vão sendo trabalhados e aprimorados de acordo com as necessidades. Chama a atenção para a falta de cuidado do operário em manusear a máquina, atribuindo, muitas vezes a ele, as imperfeições.

Em seguida, Fournier considera bastante interessante a *descrição sumária da typographia inteira*, para se ter ao menos uma noção do que é o processo e seus elementos consistentes: operação, medição das letras, prova da ponção, cunhagem das madres, justificação das madres. No final, defende a inovação, a mudança em lugar da simples imitação no que se refere aos caracteres. Detalha os elementos de composição muito bem descritos e para citar alguns: caracter, letra, entrelinha, pontuação, acentos, sinais, mão, asterisco, verseto, pé de mosca etc, entre outros. Discorre sobre a composição, dando uma idéia do seu conjunto e sua importância no processo.

A composição é a parte principal da imprensa. (p. 21)

(...) É ella que na arte de estabelecer por meio de lettras moveis formas destinadas a reproduzir ao infinito copias de uma obra, executa, retoca e dispõe definitivamente para a tiragem este trabalho minucioso: em uma palavra, ella é a obra fundamental da typographia.

(...) comprehende na realidade a serie toda inteira das operações que precedem a tiragem. Assim a composição propriamente dita, a paginação, a imposição, a correção e a distribuição não devem ser consideradas como phases successivas de um mesmo trabalho. (p.21)



Os tipógrafos demonstram um cuidado especial com relação ao domínio da língua portuguesa e dos processos da arte de imprimir, tanto que exigem que os seus aprendizes realizem cursos, muitas vezes, patrocinados pela ATB.

Quanto as publicações da ATB, destinadas a transmitir conhecimento sobre as artes tipográficas, duas se destacam: a Revista da Associação Tipográfica da Bahia e o Boletim Gráfico este último que circulou em três fases distintas entre 1916-1927. Esses periódicos publicam artigos sobre técnicas e tecnologias da arte tipográfica e do seu uso no Brasil e no Exterior, mostrando a preocupação crescente da classe com a sua especialização permanente.

A ATB mantinha contatos permanente com diversas associações, sindicatos e instituições, no Brasil e no Exterior, trocando informações sobre arte tipográfica, literatura e cultura em geral. Isso fomenta discussões e debates entre os profissionais resultando em melhores normas tipográficas. Contribui efetivamente para a cultura e o lazer da classe. As publicações periódicas eram comercializadas através de assinaturas.

CONCLUSÃO

Através da análise da documentação da ATB pode-se afirmar o seu papel vanguardista como associação benemerita e beneficente que desde o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, auxilia a classe gráfica em muitos aspectos. Mas o que parece ser relevante é a preocupação dos tipógrafos em manter os seus associados bem informados. A educação continuada para a instituição, torna-se imprescindível e as novas mudanças tecnológicas exigem esta postura.

O refinamento das artes tipográficas influenciam a função disseminadora da informação e do conhecimento realizada pela ATB que se reflete, cada vez mais, na reconhecida ampliação da imprensa periódica. A renovação das tecnologias cede lugar ao uso da fotografia, da *charge* e de novos processos tipográficos, até chegar aos



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

sistemas de impressão que começaram a conflitar com os princípios das artes gráficas, vista muito mais como processo artístico do que técnico.

A ATB, criada em 1871, funciona de maneira dinâmica até a década de 30. A partir dos anos 40, percebe-se o declínio dessa instituição. Atualmente, funciona precariamente em uma pequena sala no subsolo de um prédio cedido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, localizado na Rua Frei Vicente, s/n, no Pelourinho, desprestigiada e sem funções.

Este trabalho, ora apresentado, visa dar conhecimento sobre o projeto de pesquisa em andamento que se propõe a estudar a Associação Tipográfica da Bahia, sua história, sua função educadora e sua biblioteca, disseminadora de conhecimento e de informação. Merece enfatizar o estudo do acervo pertencente a esta biblioteca para melhor compreender a cultura baiana, brasileira.

O acervo da ATB adquirido pela Biblioteca Pública do Estado da Bahia, na década de 70, devido a decadência do prédio onde estava localizado, punha em risco a integridade do valioso acervo que permaneceu no Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública. Atualmente, parece que as obras estão dispersas nos demais setores, dificultando a localização de muitos dos títulos, notadamente os relatórios.



Referências:

ANTÔNIO, Irati. *Bibliotecário ao agente da informação : seu perfil diante de novas tecnologias. Rev. Bras. Bibliotecon. e Doc.São Paulo. N.24, p.76 – 85 jan. /jun.1991.*

ARÉZIO, Arthur. *Dicionário de termos gráficos. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, s.d.*

BARRETO, Aldo de Albuquerque. *A questão da Informação. Revista São Paulo em perspectiva. São Paulo. V.8, n.4. 1994.*

BARRETO, Aldo de Albuquerque. *Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. C .Inf., Rio de Janeiro , n.27 ,v.2.1998.*

BARRETO, Aldo de Albuquerque. *Os destinos da Ciência da Informação: entre o cristal e a chama. C. Inf. n.0, dez.1999.*

BOTELHO, Tânia Mara G. *Tecnologia básica para implantação de um sistema disseminador de informação e técnico – científica. Rev. Bibliotecon. Brasília. n.3. julh./dez. 1975.*

BRITO, Cláudio. J. *Disseminação de informação e a tecnologia do CD – Room. C.Inf. Brasília. n.17 p.3 – 13 jan./jun. 1998.*

CARVALHO, Kátia de . *O Diário da Bahia e o século XIX. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979. 258p.*

_____. ***Travessia das letras. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.***

CASTRO, Renato Berbert. *A primeira imprensa da Bahia e suas publicações. Bahia: IGBA, 1969. 166p.*

DAUBY, Jean François Joseph, 1924- . *O livro do operário. Lisboa: Imprensa Nacional,1872. Trad. Da 3. ed. 123p.*

LANCASTER, F. W. *Acessibilidade da Inf. na Pesquisa Científica em processo. C. Inf. Rio de Janeiro, n.4, p.109 – 117, 1975.*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

LOPES, Roseane R. Velho. Serviço de Referência: Desafio do Presente, necessidade primordial do Futuro. Revista Bras. Bibliotecon. e Doc.São Paulo, n.24, p.63 – 75, jan./dez. 1991.

MAGALHÃES, Aloisio. Et al. **Editoração hoje.** 2 ed. Rio de Janeiro, FGV, 1981. p. 78

RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil 1500-1822:** um breve estudo geral sobre a informação. Rio de Janeiro: Kosmos, 1946.

TAVARES, Luis Guilherme. **Nome para compor em caixa alta: Arthur Arezio da Fonseca.** São Paulo, Faculdade FFCCH/USP, 2000. 270p. (Tese de Doutorado)

ANEXO 1

ACTA DA INAUGURAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA BAHIANA

Aos desaseis dias do mez de Abril do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, quiquagesimo da Independencia e do Imperio, reunidos no Paço da Camara Municipal da Capital da Bahia os typographos, livreiros e lithographos, sob a presidencia do Capitão honorario do exercito, o typographo João Capistrano Fernandes, installou-se a Associação Typographica Bahiana, estando presentes S. Ex. o Sr. Vice-Presidente da Província Dr. José Francisco da Rocha, comissão da Assembleia Legislativa Provincial e de diversas associações, pessoas gradas e nomeroso concurso do povo, abrilhantando o acto a banda de musica de policia. E eu, Joaquim Cassiano Hypolito, 1º Secretario provisório da Associação typographica Bahiana escrevi a presente acta, na qual me assignei, conjuntamente com a mesa provisoria e todos os presentes, no anno de mil oitocentos e setenta e um.
– Francisco José da Rocha – Dr. Jose carlos Mariani – Manoel galdino Assis
– Elpidio da Silva Barauna (vereador) – Antonio Garcia Pacheco Brandão – Manoel de Saldanha da Gama (consul de Portugal) – Dez. Innocencio M. d’Araujo Goes – Manoel Pinto de Souza Dantas – Jose Francisco de Moura – Amador Alves de Moura – Manoel do Nascimento de Jesus – Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha – Dr. Timon José Dias – Dr. Gustavo A. de Sá – Innocencio M d’Araujo Goes Junior (Relator da Comissão da Sociedade Libertadora Sete de Setembro) – A. de Souza Vieira – Augusto A. Guimarães (Membro da mesma Sociedade e do Gremio Literario) – Joaquim Gonçalves

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Tourinho (membro da mesma Sociedade) – Joaquim Filgueiras Simões (membro da Comissão do Gremio) – Dr. Luiz Alvares dos Santos – Manoel Geronymo Ferreira (Secretario da Camara) – Pregador Imperial Padre Manoel Theodolindo Ferreira – Padre José Alves Martins do Loreto – Antonio Benecio Ferreira – Umbelino Guedes de Mello – Pedro Augusto Camará – Germano Umbelino Marques – Silvestre de Carvalho Camara – Zacarias Nunes da Silva Freire – Manuel Joaquim Tavares – Eduardo José da Silva – Theodoro Pereira da Fonseca – Fortunato Dormund – Guilherme José Domingues de Barbuda – Camillo de Lellis Masson – João Augusto Neiva – Ladislau José de Mattos - Pedro Ribeiro da Cunha – Symphronio Olympio Pereira – Domingos Soares Moutinho – Feliciano José Pimenta – Francisco Moraes de Farias – Elpidio Maria de Castro – José da Silva Reis – Americo Jose de Castro – Aurelio Jose de Miranda – Luiz da Costa Doria – Manoel Chaves Pires – Marcellino Coelho do Amaral – José Ricardo Conrado da Silva – C. Soares - Herculano Antonio Leite – Antonio Brandão de Araujo – Othilio Olympio d’Andrade Farias – Felix Antonio Possidonio – Ricardo de Sant’Anna - João Capistrano Fernandes – Lazaro Antonio de Jesus – Virgilio Correia de Moraes – Camilo Gonzaga da Purificação – Jesuino Francisco Carvalho Cabrera – Miguel dos Santos Prates – Manoel Gomes – Joaquim Rodrigues Vidal – Ignacio H. Cajueiro – Manoel Honorio da Silva – Leopoldino José Pitompo – Ludolf Jorge Joaquim Mõveermann – Ceciliano José dos Santos Titara – Guilhermino Alvares da Costa Dorea – José Firmino Cavalcanti – José Odorico Paranhos – Celestino Augusto – Joaquim Cassiano Hyppolito – Manuel L. Magalhães – Agapito Ramos d’Oliveira – Ovidio José Azeredo Coitinho.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

CARVALHO, KÁTIA DE
Instituto de Ciência da Informação – Universidade Federal da Bahia

AS PRÁTICAS EDITORIAIS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX E O PAPEL DA ASSOCIAÇÃO TIPOGRÁFICA DA BAHIA

Resumo

A editoração no Brasil, no século XIX, notadamente na Bahia. As principais obras sobre a arte tipográfica que influenciaram as práticas do grupo baiano. A Associação Tipográfica da Bahia teve participação ativa no desempenho do tipógrafo além de orientar os processos de disseminação da informação e de novos conhecimentos, e de conhecimentos voltados para a cidadania. Acompanhando a evolução das práticas e políticas adotadas na editoração ocorreram mudanças radicais no trabalho do tipógrafo e procedimentos editoriais corriqueiros foram sendo esquecidos. As revistas da Associação Tipográfica da Bahia permitiram acompanhar as mudanças no interior das práticas tipográficas e influenciaram o meio social.

Palavras-chave: imprensa

editoração

disseminação da informação